

## Da (in)diferença à intervenção: o contributo da educação intercultural na Educação Especial

Ana Ribeiro\*  
Mário Rui Cruz\*\*  
Joana Cavalcanti\*\*\*

### Resumo

Na sociedade contemporânea, a educação tornou-se um desafio porque a escola e a sociedade vivem numa constante dicotomia à qual os especialistas chamam de “daltonismo cultural” contrapondo ao “apelo” (in)consciente dos alunos que reflectem o “arco-íris” da diversidade da nossa heterogénea sociedade. Reconhecemos que a sociedade delega na escola o papel primordial da educação e que esta reflecte o desenvolvimento da sociedade que apela a uma educação intercultural e inclusiva, para que todos os alunos, independentemente das suas necessidades e especificidades, tenham direito a uma educação efectiva e valorativa. Assim sendo, esta irá procurar compreender os caminhos do “Movimento Escola Inclusiva” e da interculturalidade, passando pela compreensão destes fenómenos que se inter-relacionam e complementam. Para além de uma visão global desta temática, iremos incidir a nossa atenção no âmbito da Educação Pré-escolar. A escolha deste nível educativo teve em consideração a realização de um estudo de caso acerca do trabalho transdisciplinar entre docente (educador de infância) e terapeutas (ocupacional e da fala) para a inclusão de uma criança, de cinco anos de idade, com características do espectro do autismo numa sala do Pré-escolar no Grande Porto, Portugal.

**Palavras-chave:** educação intercultural; educação inclusiva; diferenciação pedagógica.

\* Mestranda de Ciências da Educação na área de Educação Especial, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti em Portugal.

\*\* É investigador no Centro de Investigação em Didáctica e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro (Portugal), onde desenvolve a sua tese de Doutoramento em Didáctica e Tecnologia Educativa e é bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É também Professor Adjunto Convidado na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (Portugal), pertencendo ao Departamento de Formação em Educação Especial. É Professor de cursos de Pós-Graduação e Mestrado em Educação Especial.

\*\*\* Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (Portugal), pertencendo ao Departamento de Formação em Educação Especial.

## **From the (in)difference to the intervention: the contribution of intercultural education to special education**

### **Abstract**

In contemporary society, education has become a challenge because school and society live in constant dichotomy which experts call “cultural blindness” in contrast to the “call” (un)aware of students who reflect the “rainbow” diversity of our heterogeneous society. We recognize that society delegates to the school the primary role of education and it reflects the development of society which calls for Intercultural Education and inclusion for all students regardless of their specific needs and are entitled to an effective education and values. Therefore, this research will seek to understand the ways of the inclusive school movement and interculturalism, through understanding of these phenomena are interrelated and complementary. In addition to an overview of this topic this research will focus on the pre-school education. The focus at this level has take into account the educational attainment of a case study about the interdisciplinary work between teacher (kindergarten teacher) and therapists (occupational and speech) for the inclusion of a five-years-old child, with features of autism spectrum in a room of the preschool education in Oporto, Portugal.

**Keywords:** intercultural education; inclusive education; differentiated teaching; teacher training; action-research.

### **Introdução**

Este artigo surgiu na sequência da realização de um projecto de investigação, na área das Ciências da Educação: área de especialização Educação Especial. Será relevante referenciar que este estudo versa-se no âmbito de uma promoção de práticas inclusivas na educação intercultural, nomeadamente no âmbito da Educação Pré-escolar. Desta forma, procuramos conhecer os caminhos da escola na promoção de uma educação intercultural e inclusiva incidindo a nossa atenção no âmbito da Educação Pré-escolar, uma vez que tivemos em consideração a realização de um estudo de caso acerca do trabalho transdisciplinar entre educador de infância e terapeutas (ocupacional e da fala) para a inclusão de uma criança, de cinco anos de idade, com características do espectro do autismo numa sala do Pré-escolar no Grande Porto.

### **A escola contemporânea e as perspectivas actuais da educação intercultural**

A escola, ao longo da sua existência, adoptou diferentes concretizações sócio-históricas, constituindo-se como um local de investigação privilegiado dos reformadores e políticos no âmbito educacional, detentores de um lugar de destaque na construção de quadros legais, entendidos como contextos próprios de

inovação pedagógica e de requalificação das práticas educativas, sujeitas às pressões e às expectativas da sociedade civil em geral.

Desta forma, ao termos em conta a legislação portuguesa, reparamos que desde a Constituição da República Portuguesa à Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), passando por numerosos artigos oficiais que se têm produzido, nomeadamente o Decreto - Lei 3/2008, diríamos que as orientações presentemente em vigor patenteiam já uma certa susceptibilidade para as questões do âmbito da educação intercultural, mostrando-se atentos aos aspectos do multi/interculturalismo, cedendo ao professor uma certa flexibilidade de os gerir de acordo os requisitos da sociedade global actual presentes nas novas exigências educativas.

Assim sendo, torna-se imprescindível abraçar estratégias capazes de favorecer mudanças consideradas fundamentais, nas práticas educativas, de forma a responder à diversidade e à heterogeneidade em que a nossa sociedade vive e se reproduz. Isso terá que se desenvolver no sentido de caminharmos, enquanto docentes, de acordo com Stoer e Cortesão (1999), pelo aproveitamento positivo destas diferenças, como um marco importante na proposta de actividades em contexto de sala, que poderão constituir-se como aprendizagens fecundas.

A educação intercultural procura a criação de um ambiente favorável à aprendizagem do aluno, à inclusão social e à autonomia, levando a que o currículo escolar reflecta políticas educativas que garantam direito à diversidade e à dignidade humana, visto que, de acordo com Gambôa (s/d), o discurso intercultural inscreve-se num novo modelo de olhar, (re)conhecer e expressar a realidade.

Perante isso, urge a importância da diferenciação pedagógica para uma inovação educativa fundamentada nos processos de definição, construção e participação social, permitindo aos alunos participarem dentro de um bilinguismo cultural, assim como respeitando as suas necessidades educativas especiais, implementando as adaptações curriculares necessárias.

De acordo com Aguado (2003), este modelo pedagógico procura incrementar uma perspectiva dinâmica da diversidade/heterogeneidade aparecendo como um instrumento que pressupõe uma educação antirracista e anti-discriminatória, valorizando a diferença como algo enriquecedor e elemento dinâmico da nossa sociedade.

Depreendemos, dessa forma, que este modelo educativo procura enaltecer a reflexão de variáveis interculturais e adopta um enfoque diferencial na “desconstrução” das visões essencialistas da identidade e cultura na “etnização” forçada. Desse modo, a educação intercultural assenta no princípio da “escola para todos”, no caminho do desenvolvimento e implementação da inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais ou culturalmente diferentes da cultura hegemónica da nossa sociedade.

Tendo em consideração o pensamento de Perrenoud (1996), a Educação Intercultural assenta no princípio da concretização de uma pedagogia diferenciadora sensível à diferença, à especificidade de cada criança, reconhecendo a complexidade do ser humano.

Na realidade, a sociedade contemporânea tem vindo a tornar-se cada vez mais complexa nomeadamente no que concerne às relações inter/multiculturais, inerentes à dinâmica das relações sociais num mundo cada vez mais sem fronteiras e global.

A escola, perante este cenário, deve procurar, desta forma, desenvolver uma “educação para todos”, que seja integradora de uma crescente diversidade de grupos e que conduza à rejeição da exclusão da diferença efectivando a existência de uma sociedade pluralista.

Para melhor compreendermos o significado da educação intercultural, foi pertinente para nós definir e compreender os conceitos subjacentes a esta temática: cultura e identidade.

Neste processo reflexivo, compreendemos que cultura poderá ser definida como a construção histórica da humanidade, não constituindo-se como um conceito singular, mas como um conjunto de pluralidades de vivências, processos e acções da Humanidade, assumindo-se como um processo social inacabado. Sustentamo-nos então pelo conceito de cultura defendido por Souza (2001):

A cultura é, assim, processo e produto da acção dos seres humanos em suas intra/inter/relações consigo mesmos. [...] Conforma, pois, o conjunto de características próprias, comuns e diversas dos seres humanos frente a todos os outros seres vivos, constituindo-os como grupos humanos específicos, diferentes entre si, mas capazes de dialogar [...]. (p. 44)

Compreendido o conceito de cultura, será importante alcançar o conceito de identidade, que embora durante séculos se tenha analisado como uma questão, sobretudo filosófica, contemporaneamente caracteriza-se como uma das principais preocupações da humanidade.

Para Hall (2003), a identidade é um conceito pluridimensional, que não sendo biologicamente determinado, (re)constrói-se no amplo quadro de contactos inter-relacionais que construímos de acordo com os papéis que a sociedade nos faz assumir tais como o de pai, filho, professor, entre outros.

A necessidade de conhecermos estes conceitos advém de uma procura de melhor entender a educação intercultural, assim como a indispensabilidade de ocorrerem mudanças na escola que conduzam à aceitação da diferença e acima de tudo sejam um veículo para a inclusão.

Neste processo de reestruturação escolar, buscamos a construção de uma nova escola que acabe com a actual problemática da massificação e homogeneização da escola. Desta forma, autores como Rodrigues (2003), Leite (2002), Zabalza (1999) aludem para a necessidade intrínseca da escola quebrar com o tradicionalismo que a caracteriza, partindo do desenvolvimento da diversidade curricular como oportunidade de enriquecimento da oferta formativa da escola. Baseam-se numa prática pedagógica democrática, enraizada na competência comunicativa intercultural de Bryams (citado em PARTMENTER, 2003), e numa filosofia da igualdade de oportunidades aberta à mudança e ao conhecimento do desconhecido.

Assim sendo, surge a diferenciação pedagógica ajustada nos princípios de uma pedagogia crítica, apoiada na renovação do currículo, assente nas premissas da inclusão defendida pela Declaração de Salamanca (1994) e presente no amplo quadro legislativo português desde a Constituição portuguesa às leis no âmbito educacional como a Lei de Bases do Sistema Educativo e o Decreto-Lei 3/2008.

Analisando o papel e a evolução da escola no âmbito da interculturalidade, sustentamo-nos na tese de que a educação passa pela construção do conceito do professor intercultural, ultrapassando as barreiras que nos conduzem ao “daltonismo cultural”. Dessa forma, compreendemos que a realização de um currículo contra-hegemónico assenta nos princípios da diferenciação pedagógica através de uma metodologia de investigação-acção. Este docente, conhecido como o professor intercultural, contrapõe-se à existência do professor monocultural, tradicional, cuja principal preocupação é a transmissão de conteúdos programáticos, homogeneizado o seu olhar para apenas visualizar o aluno-tipo. É um docente que é visto por Miranda (2004) como um verdadeiro agente educacional e socialmente activo, preocupado em promover o bilinguismo cultural e a inclusão dos alunos, independentemente das suas necessidades educativas, visto que

O professor da escola multicultural torna-se, assim, um verdadeiro agente do ensino, pensante e actuante, mediador cultural por excelência, que congregue em si, para além de uma sólida competência pedagógica que o leve, por exemplo a [...] a melhorar o desempenho escolar dos alunos dos diferentes grupos e classes sociais, uma atitude positiva de relacionamento inter-racial, intercultural, intersocial [...]. (p. 28-29)

Compreendendo o conceito de docente intercultural, este não deixa transparecer as diferenças culturais através do processo de negociação inerentes à comunicação entre as diferentes culturas na sala de aulas. Dessa forma,

a metodologia de investigação-acção torna-se crucial através da sua capacidade de influenciar (de uma forma reflexiva) aquilo que pode considerar-se o “coração”

do processo educativo: isto é, a maneira como os professores nas escolas re-apresentam o conhecimento aos alunos. (STOER; CORTESÃO, 1999, p. 44)

Por outro lado, devemos ter em conta a Declaração de Salamanca (1994) que marcou a efectiva preocupação por uma verdadeira educação inclusiva, contrapondo a prática de várias décadas que se pautava pela segregação ou pela integração nas salas regulares, sem a preocupação de uma verdadeira inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais.

Surge, então, a problemática da integração/ inclusão destes discentes sob diferentes perspectivas, com vista à criação do desenvolvimento e incremento de respostas educativas diferenciadas, através das quais o docente deverá primar pelo acompanhamento individualizado, impulsionando situações de ensino-aprendizagem que se traduzam em situações de conquista e de sucesso.

### **Caminhos da educação intercultural e inclusiva: o contributo no pré-escolar**

Com o surgimento do movimento a favor da inclusão passou-se a apostar numa pedagogia centrada na criança, segundo a qual a adaptação curricular é a principal premissa para satisfazer as necessidades dos alunos.

De acordo com Fonseca (2001), a educação inclusiva é uma nova fase da educação, que precisa de uma equipa multidisciplinar com necessidades estratégicas de inovação na instituição escolar.

Perante tal, a escola deverá assumir o seu papel educativo, por excelência, aberto à mudança, refutando a “normalização” pela “indiferença à diferença”, ficando expresso no projecto educativo da instituição, tal como está enunciado no Decreto-Lei 3/2008,<sup>1</sup> através de uma atitude positiva diante da diferença, esta intencionalidade educativa de responder às necessidades e as especificidades de cada aluno.

Sustentamo-nos então pela tese de que para a implementação de uma educação intercultural é necessário existir um verdadeiro movimento a favor da inclusão. Todavia, será pertinente referenciar que este movimento será efectivo através da aposta na diferenciação pedagógica e concretização de um verdadeiro currículo contra-hegemónico, de forma a responder às necessidades individuais de cada aluno.

Embora teoricamente a educação inclusiva e a interculturalidade tenham dado um avanço significativo ao nível da investigação, a realidade é que a escola, tal como a conhecemos actualmente, tem um longo caminho a percorrer de forma a poder intervir com todos os alunos proporcionando um atendimento que dê resposta a todos sem excepção.

Ao longo desta reflexão tivemos a preocupação por aportar os conceitos inerentes às práticas interculturais e inclusivas, tão importantes para melhor compreendermos o desafio contemporâneo de transformar as práticas educacionais em práticas que preparem os alunos para transformações globais da nossa sociedade altamente complexa e pluralista.

Ao falarmos de educação intercultural, encontramos a Educação Pré-escolar que adopta um papel primordial na preparação das crianças para se desenvolverem numa sociedade inter/multicultural.

A realidade actual espelha-se no facto de que a Educação Pré-escolar, nas últimas décadas, tenha vindo a mudar a sua imagem, transformando as suas práticas no reflexo de um desafio social e intelectual, visto que este é um contexto educativo marcado pela pluralidade de crianças.

Assim sendo, será fundamental ter em consideração que esta etapa educacional é um contexto educativo marcado pela presença de uma pluralidade de crianças, o que conduz a que o trabalho pedagógico desenvolvido neste contexto incida no desenvolvimento de cidadãos para uma sociedade plural e intercultural, tal como podemos ver expresso na Lei-quadro do Pré-escolar (1997), onde se sublinha a importância de, neste nível de ensino, se promover

o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para cidadania; fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade; contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e ao sucesso de aprendizagem. (artigo 10º, capítulo IV)

O empenho do educador de infância passa por estimular o envolvimento da criança, adoptando estratégias, métodos que trabalhem dentro da teoria de Vygotsky, influenciados de igual modo pelo construtivismo social.

Neste contexto educativo, o educador procura trabalhar, em contextos informais, de acordo com as características e potencialidades de cada criança, convidando o grupo a planificar com ele o trabalho e as suas rotinas (VASCONCELOS, 1997).

Por outro lado, a organização do ambiente educativo é potencializador de aprendizagem diversas e inter-relacionamentos, dando oportunidade de todos aprenderem (HOHMANN; WEIKART, 2003; ZABALZA, 1998; VASCONCELOS, 1997).

Na realidade, a Educação pré-escolar tem sido objecto de múltiplas investigações e, por outro lado, é considerada um dos pilares da intervenção

precoce, porque apresenta ainda a preocupação da existência de uma cooperação multidisciplinar e multisectorial.

Reflectindo sobre os documentos legislativos da Educação Pré-escolar, esta legislação aposta no desenvolvimento de uma intervenção educativa de qualidade, superando o assistencialismo, desenvolvendo um carácter multifuncional de cuidado, socialização e aceitação da diversidade e da diferença como partes integrantes da sala e da própria sociedade. Assim sendo, concluímos que o educador é, sobretudo, um agente com um papel preponderante para a criação de igualdades de oportunidades.

De forma sintética, resumiríamos este enquadramento teórico como uma reflexão na busca da explicação da forma como podemos passar da (in)diferença à intervenção, apelando ao contributo da educação intercultural na Educação Especial.

Com a realização desta investigação temos como objectivos pensar criticamente acerca das práticas educativas, tendo em consideração formas e ideias diferentes de pensar e fornecer informação, exemplos, recursos, materiais para ajudar os docentes a mudar as suas práticas se decidir em fazê-lo, propondo a perspectiva da educação intercultural como estratégia à gestão da diversidade na Educação.

Dessa forma, propomos desafiar a perspectiva da homogeneidade, assim como a ideia que a educação intercultural apenas consiste na comemoração da diversidade e o mito de que a educação é um instrumento para dar receitas correntes para resolver problemas específicos.

Com vista a compreender quais os contributos de uma educação intercultural para uma prática educativa inclusiva, no âmbito do Pré-escolar, procuramos aqui dar conta de um estudo resultante da nossa dissertação de mestrado, estando o mesmo inserido no paradigma da investigação qualitativa: um estudo de caso. Consideramos oportuno validar nossos pressupostos teóricos através da apresentação de tal estudo, visto que o desenvolvimento do mesmo confirmou os vários dos nossos enunciados.

### **Promoção de uma educação intercultural nas práticas inclusivas: contributo na Educação Pré-escolar**

Rememoramos que a problemática da nossa investigação, que deu origem a este artigo, infundiu no estudo das práticas interculturais na educação inclusiva. Por outro lado procuramos conduzir a nossa investigação neste âmbito, focalizando-nos nas práticas ao nível da Educação Pré-escolar.

Tendo como referência a faixa etária do pré-escolar, que envolve crianças dos três aos cinco anos de idade, procuramos realizar a vertente empírica, numa sala dos quatro anos de uma (Instituição Particular de Solidariedade Soci-



al (IPSS) no grande Porto, inserida numa das freguesias da cidade com maior número de bairros sociais.

Entre as vinte e três crianças que compoñham a sala, existia uma criança do sexo masculino que frequentava a instituição desde a creche (sala dos dois anos) e manifestava uma perturbação do espectro do autismo tinha cinco anos de idade:

O L. está diagnosticado como tendo uma perturbação dentro do espectro do Autismo. Nestas situações é sempre reservado o prognóstico, porque depende da evolução da criança. O L. tem feito uma evolução gradual e positiva, embora com flutuações em termos de desempenho efectivo. Este parece-nos influenciado por questões externas (estabilidade das suas rotinas, estabilidade familiar...) que por vezes impedem a sua capacidade em se focar nas tarefas. (entrevista à terapeuta ocupacional)

Ao longo do processo investigativo, do qual resulta também este artigo, subsistiu o cuidado por aportar os conceitos inerentes às práticas interculturais e inclusivas, para melhor compreendermos a passagem da escola de massas para uma intercultural, na qual o docente assume um papel preponderante de investigador, no sentido de dar resposta à diversidade de alunos que tem no grupo/turma. Sendo que foi definida para tal a seguinte questão de partida: “quais os contributos dos pressupostos da educação intercultural para a inclusão dos alunos com necessidades especiais?”

Na realidade, a Educação de Infância deixou de ser considerada como uma preparação para a etapa educacional posterior, transformando as suas práticas educativas no reflexo de um desafio social e intelectual, tanto para crianças como para educadores, sendo que estes devem trabalhar na vanguarda do desenvolvimento, através de interacções ricas e complexas.

Ao analisarmos a Educação Pré-escolar, no âmbito das práticas interculturais, depreendemos que este nível educacional, no acto educativo, adopta um papel fundamental na preparação dos indivíduos para se desenvolver numa sociedade multi/intercultural, visto que este contexto educativo está marcado pela presença de uma pluralidade de crianças. Vimos que a Lei-quadro do Pré-escolar (1997) alerta-nos para o facto de que a Educação Pré-escolar tem de promover uma educação para a cidadania, fomentando a inserção de crianças provenientes de grupos sociais diversos. Esta ideia é partilhada pela educadora, aquando da sua entrevista e procurava definir o conceito de educação intercultural, relacionando-os com o contributo da Educação Pré- Escolar:

[...] Por isso, o jardim de infância, onde quer que se pratique a educação de infância, é um lugar adequado para introduzir nas nossas crianças na riqueza trazida

pela diversidade. É importante tentar criar um ambiente tolerante que nos conduza a aceitar e a respeitar progressivamente as diferenças, tendo em conta que a interculturalidade é também uma grande oportunidade para fomentarmos a concepção de que todos pertencemos a uma mesma espécie, para tomar consciência de que nós, seres humanos, não somos todos iguais e que a diversidade não nos impede de vivermos todos juntos em harmonia, desde que haja uma abertura mental e a sensibilidade necessária para intervir adequadamente nos conflitos que os seus grupos possam experimentar ao contactarem com culturas diferentes. (conforme entrevista à educadora)

A ideia da educadora parece ser partilhada por Banks (2002), visto que de acordo com este autor, cabe ao educador desenvolver um clima propício à educação intercultural, criando um currículo a partir dos interesses e dos saberes das crianças, assumindo que a aprendizagem é construída activamente, que emerge da experiência e da interacção com os outros.

Depreendemos desta forma que, importa que o docente aposte neste modelo educacional, uma vez que este assenta na possibilidade da criação de iguais oportunidades nos distintos aspectos da sociedade, todavia tal como os diferentes autores, como Aguado (2003) e Banks (2002) nos elucida, não pode ser tido como algo efémero, mas como parte integrante da filosofia educacional.

Realçamos que a Educação Pré-escolar é um dos pilares da inclusão das crianças com necessidades educativas especiais, através da intervenção precoce, e da existência de uma cooperação multidisciplinar e multisectorial.

Todavia, desencadear um trabalho neste âmbito, onde se cruzam temas diversos, requer uma análise profunda de diferentes áreas das ciências sociais e humanas que estudam esta realidade e nos forneça dados indispensáveis à organização de respostas que se pretendem.

## **A escola e a educação intercultural – o estudo de caso**

### *Apresentação do estudo*

Durante o processo investigativo, começamos por realizar uma abordagem à natureza da investigação, partindo de numa revisão da literatura no domínio da educação intercultural na escola contemporânea, como um alicerce das práticas pedagógicas inclusivas, incidindo a nossa atenção no âmbito da Educação Pré-escolar.

Optamos pela utilização de entrevistas não directivas, semiestruturadas, apoiadas também na realização de observações das práticas educativas destes profissionais.

Para o tratamento dos dados utilizamos uma das técnicas mais aplicadas nos procedimentos metodológicos da investigação no campo das ciências humanas e sociais: a análise de conteúdo.

Esta etapa se caracterizou pela elaboração de uma grelha de análise para o tratamento das respostas, organizadas em diferentes categorias, de acordo com as unidades temáticas abordadas no nosso enquadramento teórico.

Para melhor organizarmos a discussão dos dados optamos por realizar subcapítulos de forma a agruparmos melhor as ideias e conceitos trabalhados, dividindo a discussão dos dados e tendo em consideração três níveis de análise temática: educação intercultural; o papel da escola; educação inclusiva.

Dos três níveis de análise temática optamos por apresentar apenas uma das categorias, debruçando-nos na temática “a escola e a educação intercultural”.

Se tivermos em consideração Perrenoud (1996), a educação intercultural assenta num princípio da concretização de uma pedagogia diferenciadora sensível à diferença, à especificidade de cada criança, reconhecendo a complexidade do ser humano.

#### *Escola e a educação intercultural: (parte) análise da entrevista*

Contemporaneamente, a escola, perante este cenário, deve procurar, desta forma, desenvolver um currículo contra-hegemónico, assente nos princípios da diferenciação pedagógica, desenvolvendo uma filosofia educacional que seja integradora de uma crescente diversidade de grupos e que conduza à rejeição da exclusão da diferença, efectivando a existência de uma sociedade pluralista.

Referenciamos que autores como Rodrigues (2003), Leite (2002) e Zabalza (1999a; 1999b) apontam para a necessidade intrínseca da escola quebrar com o tradicionalismo que a caracteriza, passando a ter em conta a necessidade de diversidade curricular como uma oportunidade de enriquecimento da oferta formativa da escola, proporcionando uma diversidade de alternativas de acção, em substituição de posturas estandardizadas, assente nos princípios de diferenciação pedagógica.

Após a análise da entrevista à educadora podemos evidenciar que esta percepciona a necessidade de existir uma flexibilidade curricular, apoiada no desenvolvimento de uma diferenciação pedagógica, tendo em consideração o grupo, isto é, as características e necessidades de cada criança, ao nos revelar que:

Teoricamente, deveria ser assim, adaptar o currículo a cada criança, perante as suas necessidades e caracte-

rísticas já que todas as crianças/pessoas são diferentes e desenvolvem/aprendem de maneira diferente. Eu na minha prática diária tento apresentar as actividades utilizando estratégias que se adéquam a cada criança, já que como Educadora da sala conheço cada criança e a melhor maneira para estimular a criança como ser único.[...]. (conforme entrevista à educadora)

Por outro lado, quando falamos de Educação Intercultural temos de ter presente dois tipos de conceitos antagónicos: homogeneidade e heterogeneidade (CORTESÃO, 1998). Ao passo que homogeneidade significa ser do mesmo tipo do outro, formado de partes que são do mesmo tipo, ao passo que a heterogeneidade significa o oposto, quer dizer variedade, ser composto de diferentes tipos ou formado de partes diferentes.

De acordo com a entrevista realizada à educadora, torna-se evidente a aposta na realização de um trabalho cooperativo entre as crianças, criando grupos heterogéneos, isto é, misturando crianças com diferentes capacidades/habilidades na concretização de trabalhos/tarefas, visto que:

[...] De acordo com o nível de exigência de cada actividade e os objectivos inerentes, o grupo é dividido por grupos de trabalhos (3 ou 4 anos), mistos (meninos e meninas) e com diferentes graus de desenvolvimento e concentração. Para que as propostas tenham resultados mais equilibrados e enriquecedores, dando oportunidade sempre que possível a que todos possam participar [...]. De acordo com os objectivos propostos, as estratégias têm de ser adaptadas a cada caso e a criança, dentro das suas possibilidades e competências, é sempre levada a participar na acção que se estiver a desenvolver e o restante grupo estar sensibilizado também para aceitar, apoiar e colaborar [...] (cf. entrevista à educadora)

Por outro lado, evidencia as diferenças entre as crianças como uma mais-valia na aprendizagem e crescimento destas, visto que o facto de haver diferenças culturais, raciais e de género constituem-se como algo importante e positivo para a interacção e aprendizagem de todas as crianças. Referimos, anteriormente, que será fundamental que o docente desenvolva práticas educativas nas quais se promova a igualdade efectiva de oportunidade, mas que sobretudo se dê prioridade às características individuais de cada aluno. Privilegiando um carácter informal, a Educação Pré-escolar constitui-se como um local propício à interacção, onde a criança se envolve socialmente e mantém relações satisfatórias com os seus pares, desenvolvendo competências diversas, visto que

[...] o facto de na sala haver meninos e meninas e a variedade de idades neste grupo torna-se uma mais-

valia. Os meninos mais velhos ajudam os mais pequenos em tarefas, em aquisições e nas próprias brincadeiras nas áreas, assim como resolverem “problemas” e conflitos entre eles. O resultado da variedade de idade tem sido bastante positivo neste tipo de trabalho com grupos homogéneos, a interajuda, a interação de diferentes crianças em diferentes “fases” da vida [...] (cf. entrevista à educadora)

Nas observações realizadas torna-se evidente que a preocupação por parte da Educadora é apoiar as motivações das crianças e as suas interações, ao mesmo tempo que as desafia colocando-as em diferentes situações de aprendizagem, levando-as não só a questionar e a resolver diferentes problemas/desafios, mas também a interagir com os outros, como evidencia Vasconcelos (1997); Katz e Chard (1997). Por exemplo, a planificação da educadora é acompanhada da planificação diária com as crianças, para que tenham oportunidade de trabalhar naquilo que se sentem motivadas para fazer. Não obstante da forma como os entrevistados percepcionavam os conceitos, tornou-se imperativo ver a forma como estes se reflectiam nas suas práticas diárias. Relativamente ao conceito de educação intercultural, apenas nos foi possível observar a forma como este se reflectia nas práticas, apenas nas sessões com a educadora, tal como podemos ver no excerto seguinte:

[No decorrer da actividade] [...] questiona as crianças, se são todos iguais ou se há diferenças entre eles. Estes debatem diferentes ideias, começam por fazer as distinção através do género, todavia outras começam a falar das diferenças de cor, referenciando que o T. e a Y. têm uma cor de pele mais escura, falam também dos cabelos, que são diferentes. Alternadamente, cada criança vai preenchendo as suas características, visualizam-se ao espelho e as outras crianças vão ajudando-a dizendo as suas características. [...] (cf. observação das sessões com a educadora)

Ao reflectirmos acerca das potencialidades da Educação Pré-escolar, podemos referenciar que esta é promotora de um sistema educativo inclusivo e intercultural, na se procura assumir uma filosofia educativa, sem discriminar, encarando a diferença como parte integrante do desenvolvimento.

Dessa forma, o docente é visto como um verdadeiro agente educacional e socialmente activo, preocupado em promover um bilinguismo cultural e a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais (MIRANDA, 2004)

Por outro lado, referenciamos ao longo desta investigação que o docente deve assumir uma posição de investigação e de contínuo questionamento e formação. Na realidade, assumir uma posição desta levará a que o docente não seja um mero instrumento executante das decisões da cultura dominante,

primando por dar atenção à diversidade envolvente do amplo quadro heterogéneo da sala, promovendo um verdadeiro discurso de uma pedagogia centrada na criança, tal como nos apontam autores como Perrenoud (1996), Rodrigues (2003).

Por outro lado, Stoer e Cortesão (1999) apontam que a escola, ao apostar na construção de um currículo contra-hegemónico que responda aos desafios do paradigma subjacente da interculturalidade, o docente deverá assumir uma atitude de acção-investigação e de formação em contexto, em parceria com a comunidade educativa, desenvolvendo a capacidade de introduzir medidas adicionais para responder à heterogeneidade dos alunos.

Parece-nos que esta ideia é partilhada pela educadora, quando referencia a importância de haver uma abertura para a inclusão nas escolas:

A comunidade escolar como entidade formadora tem o dever não só de assumir, como de adaptar, promover e dialogar projectos, propostas e estratégias de acção adaptadas a cada caso e a cada realidade no sentido de melhorar o desempenho dos profissionais de educação, pois deles depende uma maior qualidade na promoção do desenvolvimento e relação com estas crianças [...]. (cf. entrevista à educadora)

Desta forma, podemos depreender que os entrevistados adoptam uma perspectiva que vai ao encontro da nossa, ao assumirem práticas educativas interculturais através de uma abertura à diferença, assim como apostar numa formação contínua e assumir uma postura investigativa, de forma a dar resposta à heterogeneidade da sua sala.

### **Considerações finais**

A escola possui uma dimensão social que se manifesta na interacção entre gerações e entre pares, interacção própria do acto educativo. A riqueza destas interacções encontra-se particularmente na diversidade e heterogeneidade composta por cada sujeito único e sem igual que compõem o corpo escolar, enquanto docente ou discente.

Reflexo da sociedade, torna-se imprescindível abraçar estratégias capazes de favorecer mudanças consideradas fundamentais, através da alteração de práticas educativas, de forma a responder à diversidade e heterogeneidade em que a nossa sociedade vive e se reproduz (STOER; CORTESÃO, 1999).

Com a realização desta investigação, da qual resulta este artigo, tínhamos como objectivo pensar criticamente acerca das práticas educativas propondo a perspectiva da educação intercultural como uma estratégia para treinar os cidadãos a viver numa sociedade multicultural, através de uma abordagem à gestão da diversidade na educação.

Dessa forma, proponhamos desafiar a perspectiva da homogeneidade, assim como a ideia que a educação intercultural apenas consiste na comemoração da diversidade e o mito de que a Educação é um instrumento para dar receitas correntes para resolver problemas específicos.

Ao focalizarmo-nos sobre as considerações finais, será relevante referenciar que o estudo realizado não pretendia, de forma alguma, formar juízos de valor relativamente à posição e as práticas dos elementos da equipa em análise. Até porque neste tipo de investigação não podíamos verificar se os resultados obtidos são frutos de conceitos preconcebidos, ou frutos da realidade emergente observada e vivenciada pelos mesmos.

Com efeito, a intenção principal deste estudo era compreender de que formas a educação intercultural será promotora de práticas inclusivas, no âmbito da Educação Pré-escolar.

Com a realização deste estudo, procurávamos aprofundar os nossos conhecimentos relativamente à temática subjacente, conscientes de que esta, embora emblemática e polémica, não se encontra de todo suficientemente estudada e analisada, existindo desta forma um longo percurso a percorrer.

No que se refere à parte empírica do nosso estudo, esta prendia-se com a possibilidade de provar a veracidade das hipóteses propostas para a nossa pergunta de partida e de descobrir, enquanto profissionais na área da Educação, a melhor maneira de promover a realização de um trabalho no âmbito da educação intercultural de forma a promover práticas inclusivas dos indivíduos com necessidades educativas especiais na Educação Pré-escolar.

## Referências

AGUADO, T. **Pedagogia Intercultural**. Madrid: McGraw-Hill, 2003.

BANKS, J. A. A educação multicultural das crianças em idade pré-escolar: atitudes raciais e étnicas e a sua alteração. In: B. SPODEK. **Manual de investigação em Educação de Infância**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 527-559, 2002.

CORREIA, L. M. **A escola contemporânea, os recursos e a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais**. Minho: Universidade do Minho, 2008.

CORREIRA, L. **Inclusão e Necessidades Educativas Especiais - Um guia para Educadores e professores**: Coleção Necessidades Educativas Especiais. Porto: Porto Editora, 2005.

CORTESÃO, L. Da necessidade de vigilância crítica em educação à importância da prática de investigação-ação. **Revista de Educação**, vol. VII, n. 1, 27-33, 1998a.

CORTESÃO, L. O arco-íris na sala de aulas? Processos de organização de turmas: Reflexão Crítica. Instituto de inovação curricular: **Cadernos de Organização e Gestão Escolar**, 1998b.

DECRETO-LEI 3/2008: **Apoios Especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básicos e secundários dos sectores públicos, particulares e cooperativos**. (7 de Janeiro de 2008). In [http://www.aeaav.pt/Archive/Archive\\_220\\_jFd6R.pdf](http://www.aeaav.pt/Archive/Archive_220_jFd6R.pdf). Acesso: em 18 fev. 2010.

FONSECA, V. Tendências futuras para a Educação Inclusiva. In: CORREIA, L. D. **Inclusão n. 2**. Instituto de estudos da criança da Universidade do Minho: Porto Editora, p. 11-32, 2001.

GAMBÔA, R. A Pedagogia intercultural como estratégia de comunicação. In: SANTOS, M.; CARVALHO, A. **Interacção cultural e aprendizagem: correspondência escolar e classes de descoberta: oficinas de formação e interacção cultural para uma escola europeia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 21-29, s/d.

HALL, S. **Identidade Cultural**. In <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall1.html>, 2003. Acesso em: 23 dez. 2009.

HOHMANN, M.; WEIKART, D. P. **Educar a criança**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

KATZ, L.; CHARD, S. **A abordagem de projecto na Educação de Infância**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

**LEI-QUADRO DO PRÉ-ESCOLAR**. Assembleia da República - Lisboa -: Diário da República - I série - A N. 34, 1997.

LEITE, C. **O currículo e o multiculturalismo no sistema educativo português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

M.E. **Orientações para a Educação do Pré-escolar**. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica, 1997.

MIRANDA, F. B. **Educação Intercultural e formação de professores**. Porto: Porto Editora. 2004.

PARTMENTER, L. **Intercultural communicative competence**. In [http://www.google.pt/#q=competencia+comunicativa++intercultural+de+Byram&hl=ptPT&tbs=clir:1,clirtl:en,clirt:en+intercultural+communicative+competence+of+Byram&sa=X&ei=kvVTTLHqEI6J4QaOqMWnBQ&ved=0CFIQ\\_wEwCg&fp=bcdca00d0fcc919d](http://www.google.pt/#q=competencia+comunicativa++intercultural+de+Byram&hl=ptPT&tbs=clir:1,clirtl:en,clirt:en+intercultural+communicative+competence+of+Byram&sa=X&ei=kvVTTLHqEI6J4QaOqMWnBQ&ved=0CFIQ_wEwCg&fp=bcdca00d0fcc919d), 2003. Acesso em: 21 Jul. 2010.

PERRENOUD, P. **A pedagogia na escola das diferenças: Fragmentos de uma sociologia do fracasso**. Porto Alegre: Artmed, 1996.



- PIRES, E. L. **Lei de Bases do Sistema Educativo**. Porto: Edições ASA, 1987.
- POTTER, G. **Organização das Escolas**: acesso e qualidade através da Inclusão. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1994.
- RODRIGUES, D. **Perspectivas sobre a Inclusão da Educação à sociedade**. Porto: Porto Editora, 2003.
- SERRA, H. Paradigmas da Inclusão no contexto global. **Saber & Educar**, 10 (p. 31-50). Porto: ESE de Paula Frassinetti, 2005.
- SOUZA, J. F. **Actualidade de Paulo Freire**: contribuição ao debate sobre a educação na diversidade cultural. Recife: Edições Bagaço, 2001.
- STOER, S.; CORTESÃO, L. **Levantando a pedra**. Da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas na época transnacionalização. Porto: Edições Afrontamento, 1999.
- TETZCHNER, S. V.; et.al. **Inclusão de crianças em educação pré-escolar regular utilizando comunicação suplementar e alternativa**. Scielo - Revista Brasileira de Educação Especial. In [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141365382005000200002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141365382005000200002&script=sci_arttext), agosto de 2005. Acesso em: 25 abr. 2010.
- UNESCO. **Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1994.
- VASCONCELOS, T. **Ao redor da mesa grande - A prática educativa de Ana**. Porto: Porto Editora, 1997.
- ZABALZA, M. **Diversidade curricular para a igualdade de oportunidade**. In <http://www.dgicd.min-edu.pt/revista/revista1/diferenccurricular.htm>, 1999a. Acesso em: 04 ago. 2008.
- ZABALZA, M. **Diversidade e curriculum escolar**. In: M. d. (Ed.), Fórum escola diversidade, currículo (p. 93-119). Lisboa: DEB - IIE, 1999b.
- ZABALZA, M. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- ZACHARIAS, V. L. A Educação Pré-escolar para crianças com Necessidades Especiais. In <http://www.profala.com/arteducesp49.htm>, s.d. Acessado em 26 de maio de 2010.

#### **Notas**

<sup>1</sup> Para mais informações é favor consultar: [http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=1530&fileName=decreto\\_lei\\_3\\_2008.pdf](http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=1530&fileName=decreto_lei_3_2008.pdf).

Ana Ribeiro – Mário Rui Cruz – Joana Cavalcanti

**Correspondência**

**Ana Sofia Salazar de Sousa Ribeiro** – Praceta António Silva Ribeiro, 67, 3º Dto, 4465-023 S.  
Mamede Infesta, Portugal.

*E-mail:* ribeiro.anasofia87@gmail.com

Recebido em 28 de novembro de 2010

Aprovado em 17 de janeiro de 2011